

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO**  
**Curso de Graduação em Psicologia**

**Deborah Diniz Correa**  
**Lucas Clemente Chacon**

**UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O CONTO O  
ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS**

**São Paulo**

**2012**

**Deborah Diniz Correa**  
**Lucas Clemente Chacon**

**UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O CONTO  
O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, orientado pelo Prof. Ms. André Mendes, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Psicologia.

**São Paulo**

**2012**

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Pe. Inocente Radrizzani**

Correa, Deborah Diniz

Um olhar da psicologia analítica sobre o conto "O espelho, de Machado de Assis" / Deborah Diniz Correa, Lucas Clemente Chacon.  
-- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2012.

62p.

Orientação de André Mendes

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia (Graduação),  
Centro Universitário São Camilo, 2012.

1. Literatura brasileira 2. Psicologia junguiana 3. I. Chacon, Lucas  
Clemente II. Mendes, Andre III. Centro Universitário São Camilo IV.

Título

**Deborah Diniz Correa  
Lucas Clemente Chacon**

**UM OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA SOBRE O CONTO  
O ESPELHO, DE MACHADO DE ASSIS**

São Paulo, 22 de Novembro de 2013.

---

Professor Orientador  
(André Mendes)

---

Professor Examinador  
(Marcia Mareuse)

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus em primeiro lugar. Gostaria de agradecer aos meus pais que foram minha base, minha sustentação, minha inspiração e meus grandes incentivadores. Que me permitiram concluir o curso, me ajudaram em tudo e me incentivaram com muita alegria, orgulho e respeito pela escolha da minha profissão. Agradeço aos meus amigos que me proporcionaram muita alegria e conhecimento durante o curso, em especial a Thayane, a Suseth, a Juliana, o Anderson, o Salomão e o Wanderson. Agradeço o Lucas, meu companheiro de TCC, por compartilhar as teorias, os prazos, o desespero, as alegrias e as conquistas junto comigo. Agradeço aos professores que nos incentivaram, e principalmente ao nosso orientador André Mendes, que além de ser um profissional exemplar, nos proporcionou crescimento, conhecimento e base para todo desenvolvimento deste projeto. Obrigada!

Deborah Diniz

Agradeço aos meus pais, meus maiores exemplos, que me ensinaram e proporcionaram tudo que necessitei para passar por mais esta etapa, apoiaram e auxiliaram em minhas escolhas, com muita compreensão, afeto e paciência. Agradeço também por serem pessoas tão éticas e batalhadoras, que hoje tenho como exemplo a ser seguido em todas as esferas da minha vida, principalmente nesta que começa agora. Agradeço também ao Caio, meu irmão, por todo o apoio, conversa e aprendizado que me proporcionou, e espero poder retribuir, e que junto com meus pais formam a família que tenho a honra e o orgulho de ter. Agradeço à minha companheira, Fernanda, que esteve sempre ao meu lado. Por toda compreensão e apoio nos melhores e piores momentos, comemorando a cada conquista e ajudando a me reestruturar a cada derrota. Espero que, na vida que passaremos juntos, eu consiga retribuir tudo a você. A todos os meus companheiros de estudo pela soma de esforços que nos propiciou conhecimento e crescimento, e especialmente ao amigo Anderson, com quem desbravei novos campos de atuação e conhecimento, além de proporcionar ótimas conversas e muitas risadas. À Deborah, que foi essencial para a realização deste trabalho, por dividir todo o turbilhão de tarefas e sentimentos gerados por este caminho que percorremos, e que agora partilha desta conquista comigo. A todos os professores, pelo grande esforço e empenho em nosso aprendizado, e em especial ao nosso orientador André Mendes, pelo comprometimento, paciência e confiança depositada em nós. Por fim, agradeço a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para minha formação não somente enquanto psicólogo, mas a formação de quem sou. Obrigado!

Lucas Chacon

***“Hoje eu sei que quanto maior a luz... Maior a sombra!”***

***- El Efecto***

CORREA, Deborah D.; CHACON, Lucas C. **Um olhar da psicologia analítica sobre o conto "O espelho, de Machado de Assis"**. 2012. 62p. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia (Graduação) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012

Serão apresentados neste trabalho diversos conceitos da psicologia, com foco na ênfase da psicologia analítica, e oferecer ao leitor diversas hipóteses de análise sobre o conto "O Espelho", de Machado de Assis. Em um primeiro momento, se faz importante apresentar qual a ligação entre psicologia e literatura, uma vez que este fator é de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho. A literatura em primeiro lugar contribui ativamente para a reflexão e interpretação do sujeito que lê, enquanto a psicologia, neste caso, irá apresentar hipóteses sobre os comportamentos e influências expostas pelo protagonista e algumas hipóteses sobre a própria estrutura do conto. Após esta etapa, será apresentada a história de Machado de Assis, com a intenção de situar o leitor sobre a importância deste esplêndido escritor, sobre suas contribuições para a cultura Brasileira. Será abordada posteriormente, a identificação do personagem principal do conto com a sua nova identidade, analisando através da psicologia analítica, quais os mecanismos e hipóteses cabíveis neste novo comportamento adquirido. Machado de Assis, após transcrever sobre como o personagem inicia a narração de sua história, aborda uma questão que foi considerada de extrema importância, dizendo que o ser humano, não é composto de uma alma, e sim duas. O conceito de duas almas esta intimamente ligada com conceitos da psicologia analítica, onde neste momento, serão abordados alguns conceitos teóricos sobre a psicologia analítica, baseando-se em Jung e alguns de seus seguidores. O interessante dos escritos de Machado de Assis são as simbologias que aparecem no decorrer do conto. Machado de Assis cita diversos símbolos sobre cisões e dualidades, que através da psicologia analítica, foi analisado e abordado de forma a explicar o desenvolvimento do Ego do personagem. No decorrer da história, o personagem começa a desenvolver diversos sintomas por conta da sua extrema identificação com o papel a ele atribuído, e esses sintomas foram analisados e discutidos, apresentando as possíveis hipóteses sobre os motivos dos aparecimentos destes comportamentos, que antes de se identificar com este papel, não existiam. Por se tratar de um tema complexo, que teve como objetivo inserir hipóteses e novas visões sobre o conto, não é possível realizar uma conclusão que seja única e exclusiva, porém, partimos do princípio que diversas metamorfoses que ocorreram com o personagem principal, também ocorrem no nosso dia a dia e nossa sociedade. Assim, o objetivo deste trabalho, é apontar a real importância psicologia e cultura, do quanto um conto escrito há muitos anos atrás, pode refletir a imagem da nossa cultura atual.

**Palavras-chave:** Psicologia Analítica. Persona. Sombra. Espelho. Machado de Assis. Carl Gustav Jung.

CORREA, Deborah D.; CHACON, Lucas C. **A look of analytical psychology on the short story “The Mirror, of Machado de Assis”**. 2012. 62p. Final Paper in Psychology (Graduation) – Centro Universitário São Camilo, São Paulo, 2012

In this paper, many psychology concepts will be presented with emphasis on the analytical psychology, and we'll offer several hypothesis to the reader about the short story “O Espelho” (The Mirror) of the Brazilian writer Machado de Assis. First, it's important to present the connection between psychology and literature, since that factor is fundamental to the development of this paper. The literature, has an active contribution to the reflection and interpretation of the reader, while psychology, in this case, will present theories about the behavior and influences exposed by the protagonist and some hypothesis about the content of the short story. After that stage, it will be presented the history of the author, Machado de Assis, to show the reader the importance of such marvelous writer, and his contributions to the Brazilian culture. After that, it will be addressed the identification of the main character of the short story with his new identity, analysing trough the analytical psychology, which mechanisms and hypothesis fit his new acquired behavior. Machado de Assis, after start his story, address a very important issue, claiming that the human being is composed not only by one soul, but two. The idea of two souls is utterly linked to the analytical psychology, from what we will approach some concepts based on Jung and his followers. One of the most interesting aspect of the author is the symbolism found through his works. Machado de Assis often insert many symbols about divisions and dualities, which trough the analytical psychology was utilized as a way to address explain the development of the characters EGO. During the story, he starts to show symptoms because of his identification with the character assigned to him. This symptoms were discussed and studied, presenting the plausible hypothesis about the reasons of the appearing of those behaviors, which didn't existed before. As this is a complex theme, which have the objective of inserting hypothesis and new visions about the short story, is not possible to get and exclusive conclusion. Nevertheless, we approach this problem with the conviction that many changes that happens to the character, also occur on or society everyday. So, the objective of this paper to point the real importance of the psychology to the culture, and to show how a short story written many years ago can still reflect the image of our culture.

**Keywords:** Analytical Psychology, Persona. Shadow. Mirror. Machado de Assis. Carl Gustav Jung.

## SUMÁRIO

Resumo.....	06
Abstract.....	07
1 INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Problema.....	10
1.2 Hipótese.....	10
1.3 1 Objetivos.....	0
01.1.2 Objetivos Específicos.....	0
2 METODOLOGIA.....	10
3 PSICOLOGIA E LITERATURA.....	11
4 BIOGRAFIA MACHADO DE ASSIS.....	15
4.1 Resumo do Conto.....	17
5 JACOBINA, UM PERSONAGEM SOCIAL.....	20
5.1 Duas Almas.....	30
5.2 Simbologias e Ego.....	33
5.3 O espelho.....	41
6 CONCLUSÃO.....	49
REFERÊNCIAS.....	52
ANEXO A	

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura por meio do constructo teórico da psicologia analítica, propor uma reflexão sobre o conto “O Espelho”, de Machado de Assis. Procuramos tecer possíveis relações entre o conto machadiano e os conceitos da psicologia analítica, mas não de um modo a esgotar ou reduzir toda a complexidade desta grande obra literária, e sim como uma tentativa de entremear a leitura com novos *insights* a partir de uma perspectiva específica da psicologia.

Partiremos da visão da psicologia analítica, desenvolvida por Carl Gustav Jung, que além de buscar a compreensão dos comportamentos e dos processos mentais, também introduz conceitos para enriquecer a análise dos fenômenos psicológicos de forma ampla. Serão apresentados diversos conceitos teóricos sobre psicologia, e a partir destes, serão discutidas hipóteses frente ao comportamento e estrutura do conto. Destes conceitos, utilizaremos os que sugerem uma relação com o universo proposto por Machado de Assis: sombra, arquétipos, persona e o processo de individuação.

Dentro da complexidade e do espaço oferecido pelas obras de arte, existem infinitas possibilidades de análise e interpretação, tanto de cunho pessoal, quanto com algum embasamento teórico-científico. Algumas análises olham para o autor e sua fase artística, outras recaem sobre a obra, seu conteúdo, e suas possíveis repercussões. Este trabalho propõe novas possibilidades e visões sobre esta obra literária, através da utilização dos conceitos listados acima. Não de maneira a reduzir, simplificar e padronizar a riqueza da obra, mas na tentativa de exercitar um novo olhar dentro desta infinidade de possibilidades.

Nos diversos segmentos da psicologia, muito já foi dito a respeito desta relação com a literatura, e seguiremos com aqueles que buscam compreendê-la através dos símbolos, relacionando-os com o viés adotado.

A escolha do conto “O Espelho”, em específico se deu pela riqueza simbólica oferecida e pelos questionamentos e idéias surpreendentemente atuais, facilmente identificadas na sociedade de hoje. O que nos permite refletir não somente sobre a

obra, mas sobre a imagem social trazida com esta. Estas mesmas características validam a escolha de Machado de Assis como autor de nosso universo de estudo, por sua fascinante obra e pelas contribuições à literatura.

## **1.1 Objetivos**

Exercitar uma visada psicológica tendo como mote o conto O Espelho, de Machado de Assis, sob a ótica da Psicologia Analítica, de Carl G. Jung.

### **1.1.2 Objetivo específico**

- Refletir a respeito da relação entre psicologia e literatura;
- Analisar os aspectos simbólicos presentes na obra;
- Aprofundar a compreensão de alguns conceitos da psicologia analítica por meio das questões colocadas pelo contato com o conto;
- Relacionar as questões simbólicas e comportamentais presentes no conto com a sociedade atual.

## **2 METODOLOGIA**

Propomos uma reflexão sobre o conto “O Espelho”, de Machado de Assis, realizada sob a ótica da Psicologia Analítica, afim de indicar possíveis conexões do conto com os conceitos desta linha teórica escolhida. Não se trata de uma análise psicológica da obra, mas de uma tentativa de enriquecer a leitura desta com novas interpretações e possibilidades.

### 3 PSICOLOGIA E LITERATURA

“Em Machado de Assis tudo está implícito, inclusive a psicologia”. (Silva, 2006).

Neste capítulo, serão abordados alguns conceitos referentes à literatura e a visão da psicologia analítica sobre este tema. Afim de melhor relacionar o conceito de psicologia e literatura, destacamos algumas abordagens que acercam-se sobre este tema. Dentre elas, a psicanálise a partir da era pós-freudiana; a psicologia analítica concebida por Carl Jung; a Gestalt, conhecida como a psicologia das formas; a psicologia sócio histórica, representada por Lev-Vygotsky e a abordagem cognitivista, com base nos teóricos Howard Gardner e Jonathan Potter. Apesar das diferentes abordagens, é comum entre elas encontrar análises e interpretações a fim de compreender e agregar o entendimento da literatura. Segundo Baiocchi e Niebielski (2009, p. 34), “A Literatura é uma manifestação artística, portanto, é passível de ser compreendida sob os postulados da psicologia”. Pode-se então estender o olhar para a perspectiva da psicologia, ou seja, afirmar que a psicologia é uma ciência do e sobre o ser humano, portanto passível de ser compreendida sob os postulados da literatura.

Segundo, Coutinho (1987, p.729), literatura pode ser classificada como:

Uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social.

A literatura proporciona experiências diversas para o indivíduo que, não raramente, toma contato com a vida escrita, avaliando e refletindo sobre as verdades que pairam sobre todos os homens e lugares. Nota-se, então, que além da importância sócio-histórico-cultural trazida e resgatada pela literatura, esta também possui uma função que se apresenta exclusivamente para cada indivíduo, onde a história escrita e imutável assume uma condição metamórfica perante a interpretação singular do sujeito leitor. Isto ocorre, pois, ainda que a literatura

enquanto livros e textos se apresentem de forma idêntica a todos os seus leitores, esta apreciação é feita e vivenciada através de uma ótica construída ao longo de experiências singulares e da conseqüente visão de mundo trazida pelo sujeito. E isto é um fato tanto na experiência de construção do texto, feita pelo autor, quanto da recepção do texto pelo leitor, que reconstrói a obra, ou seja, em certa medida o leitor também é um autor.

Jung (1985) explicita dois modos pelos quais a literatura que pode ser abordada pela psicologia, denominando-os psicológico e visionário. Na forma psicológica, ou literatura psicológica, a análise concentra-se nas emoções do personagem ou nas expressões dos sentimentos dos personagens de um romance. Neste direcionamento, apresentam-se conteúdos inconscientes desconhecidos pelos personagens. Já no modo visionário, ou literatura visionária, são analisados os conteúdos no corpus da obra literária, ou seja, os conteúdos que estão presentes na consciência de forma que o personagem os conhece ou pode pressenti-los.

Nise da Silveira, seguidora de Jung, responsável por introduzir e divulgar a psicologia analítica no Brasil, também abordou a ligação entre a psicologia analítica e a literatura. Ela discorre sobre obras psicológicas que poderiam, inclusive, ser encontradas nos romances e contos do Machado de Assis. Machado de Assis foi diversas vezes citado em artigos de Psicologia como sendo um dos principais escritores brasileiros a fazer menção da psicologia em seus escritos. (Silveira, 1968).

Também se pode considerar, como uma alternativa às proposições acima, que a literatura pode ser vista de maneira simbólica ou metafórica, não se apresentando simplesmente como um objeto de estudo, como forma de ilustrar ou comprovar um conceito, mas como meio de ampliar as visões a respeito do fenômeno humano e da própria psicologia.

De maneira simbólica, pode-se enxergar a literatura como uma forma de apontar á cultura os diferentes tipos de opinião, interpretação, dando liberdade ao próprio leitor, de tirar suas próprias conclusões de acordo com suas experiências e vivências. Além disso, a literatura pode se oferecer como estímulo para a psicologia, não como forma de comprovação de seus postulados, mas como fonte inspiradora, não como algo que demanda decifração, mas como elemento que suscita a imaginação. Em outras palavras, segundo o que foi dito, o texto não

precisa ser colocado na posição de objeto esperando um sujeito decifrador, mas o próprio texto pode subverter a formulação de uma ciência tradicional e lançar questões para a própria ciência e seus cientistas. No caso específico desse trabalho indagar os alunos/ pesquisadores e sua forma de produzir psicologia.

Jung (1930) cita em “O Espírito na ciência, na arte e na literatura”, a importante diferença de separar a psicologia da literatura e aborda importantes discussões sobre a crítica literária. Uma das alternativas que Jung propõe, é que o texto literário deve ser visto de diversas formas, e não somente como obra literária, mas sim de forma simbólica, metafórica e até mesmo psicológica. De acordo com Carlos Bernardi, ao ler um conto ou uma obra literária, o mesmo não se interessa em conhecer a personalidade do escritor, mas sim, observar o que o próprio texto irá instigar ao leitor, de acordo com sua personalidade, valores e conhecimento (Jung, 1930).

O ato de leitura é meu ato de escrita (...). A escrita faz coisas que nunca estão além dela mesma. Além do mais, a morte do autor é, também, a morte de qualquer autoridade transcendental que garanta a estabilidade do entendimento do texto. É o famoso “o autor quis dizer”. Jung diz que a psicologia médica desvia seu interesse da obra para se preocupar com seus determinantes psíquicos, transformando, dessa maneira, o poeta em um caso clínico”. (BERNARDI, 2001, p.).

De acordo com Jung (1922), a psicologia analítica deve observar a obra de arte, isenta de opiniões médicas, pois a obra de arte não requer esse tipo de análise. O psicólogo, porém, segundo Jung, deve adotar uma outra postura em relação a obra de arte. Este deve se perguntar, pelo sentido da obra:

O condicionamento prévio só interessa na medida em que facilitar a melhor compreensão do sentido. A causalidade pessoal tem tanto ou tão pouco a ver com a obra de arte, quanto o solo tem a ver com a planta que dele brota. Certamente poderemos conhecer determinadas peculiaridades da planta, quando conhecermos as condições de seu habitat. Para o botânico é até um dado importante. Mas ninguém diria que isto basta para compreendermos toda a essência da planta. A insistência no pessoal, surgida da pergunta sobre a causalidade pessoal, é totalmente inadequada em relação à obra de arte, já que ela não é um ser humano mas algo suprapessoal. É uma coisa e não uma personalidade e, por isso, não pode ser julgada por um critério pessoal. A verdadeira obra de arte tem inclusive um sentido especial no fato de poder se libertar das estreitezas e dificuldades insuperáveis de tudo o que seja pessoal, elevando-se para além do efêmero do apenas pessoal (Jung, 1922, p. 107)

Bernardi (2010), em seu artigo “Assim caminha a humanidade. A última tentação: entre o literal e o literário”, afirma que Fernando Pessoa advertia os críticos literários, dizendo que a análise deveria girar em torno de três pontos, sendo o mais importante: “estudar o artista exclusivamente como artista, e não fazendo entrar no estudo mais do homem que o que seja rigorosamente precisa para explicar o artista” (Pessoa, p. 66).

Já através de uma visão da psicologia analítica, o artista deve ser considerado um ser humano com uma vida pessoal, dentro um processo criativo impessoal. Existe para Jung, uma espécie de pulsão que domina o artista que o influencia a desenvolver suas obras. Jung afirma que “o artista é seu trabalho”. Deste modo, devemos considerar que a arte não é apenas entretenimento. (Bernardi, 2010).

Importante salientar, que este trabalho não está baseado em uma análise literária, uma vez que o crítico literário analisaria o enredo, o argumento, o contexto do conto, o discurso do personagem, as ideologias, as ferramentas utilizadas, o efeito proposto e obtido, a importância política, o valor sociocultural, filosófico, pedagógico, além do valor estético.

#### **4 BIOGRAFIA MACHADO DE ASSIS**

Baseando-se na teoria de Jung, que afirma que a psicologia analítica deve observar a obra de arte, isenta de opiniões médicas, e que o psicólogo deve sempre se perguntar qual o sentido da obra, acreditamos ser de extrema contribuição para o leitor, apresentarmos a história de Machado de Assis. Não a fim de explicar sua vida, mas de localizar o conjunto da produção de seus textos dentro do conjunto da produção literária brasileira e mundial, apontando sua importância dentro desse contexto.

Dentre as diversas fontes referentes à história de Machado de Assis, presentes em livros e artigos científicos, optamos por utilizar a biografia retirada do site da Academia Brasileira de Letras, por considerar as informações completas e

confiáveis. (Disponível em: [www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=240](http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=240)) Acesso em: 09/11/2012).

Machado de Assis era considerado um cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, novelista, romancista, crítico e ensaísta. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no dia 21 de Junho de 1839, sendo criado no morro do Livramento. Filho de operário, foi criado pela madrasta, pois perdeu sua mãe ainda criança. Pouco se sabe sobre sua infância e juventude, a não ser que teve problemas de saúde como epilepsia e gagueira.

Em sua infância, no morro do Livramento, Machado cresceu sem acesso à cursos regulares, estudando conforme surgia oportunidades, e foi em 1854, ainda com 14 anos, que teve sua primeira publicação, o soneto “À Ilma. Sra. D.P.J.A.”, no Periódico dos Pobres.

Em 1856, inicia suas atividades profissionais como aprendiz tipógrafo na Imprensa Nacional, e começa a escrever durante seu tempo livre. Neste intermédio, conhece o diretor do órgão, Manuel Antonio de Almeida, autor de “Memórias de um Sargento de Milícias”, que se torna seu padrinho artístico. Em 1858, se tornou revisor no Correio Mercantil, e em 1860, iniciou seu trabalho na redação do Diário do Rio de Janeiro, a convite de Quintino Bocaiúva. Neste período, mantinha publicações regulares para a revista O Espelho, onde estreou como crítico teatral.

Em 1861, Machado de Assis publicou seu primeiro livro, a tradução de “Queda que as mulheres têm para os tolos”, originalmente publicado em francês por Victor Hénau, e já em 1864, publicou o seu primeiro livro de poesias, sob o título de “Crisálidas”.

Seu primeiro romance, “Ressurreição”, foi publicado em 1872. E já no ano seguinte, começa a sua carreira política, sendo nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Em 1874, paralelo às suas obrigações no gabinete do Ministério, intensificou suas publicações: peças teatrais, poesias, contos e livros, publicados em diversas maneiras, por diferentes jornais e editoras. Em 1881, Machado de Assis realizou sua

publicação que daria uma nova direção a sua carreira, e à literatura brasileira em geral, Memórias póstumas de Brás Cubas.

Entre 1881 e 1897, publicou na Gazeta de Notícias o que hoje são consideradas suas melhores crônicas. O primeiro conto que Machado de Assis publicou foi o justamente famoso "Teoria do Medalhão", onde a vacuidade e a empulhação intelectual da aristocracia é descarnadamente exposta. Os 12 contos que compõem "Papéis avulsos" (1882) recolhem seis dos que foram originalmente publicados na Gazeta e, dentre eles, pode-se destacar "A Sereníssima República", "O espelho" e "O anel de Polícrates", considerados ácidos, críticos e denunciadores de um estado de coisas insustentável do ponto de vista da ética liberal. (RIBEIRO, 2008, p. 10).

Em 1889, ainda em seu cargo no Ministério, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio. E continuou colaborando com a Revista Brasileira, de seu amigo José Veríssimo. No grupo reunido pela redação da Revista surgiu a ideia da criação da Academia Brasileira de Letras. Machado de Assis foi um grande apoiador desta iniciativa desde o começo, e em 1897, foi eleito presidente da instituição, cargo à qual teve sua devoção até o fim de sua vida.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de Crisálidas (1864) e Falenas (1870), passando pelo Indianismo em Americanas (1875), e o parnasianismo em Ocidentais (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de Contos fluminenses (1870) e Histórias da meia-noite (1873); os romances Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

#### 4.1 Resumo do conto

O conto descreve a história de um jovem chamado Jacobina, que aos vinte e cinco anos foi promovido alferes da Guarda Nacional. Jacobina relata sua história anos depois, quando estava com idade entre quarenta e cinquenta anos, para quatro cavalheiros que debatiam sobre questões metafísicas.

Jacobina inicia sua história afirmando que o indivíduo possui duas almas, a alma exterior e alma interior. Descreve a alma exterior como fatores externos, podendo ser “um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação”. Já a alma interior, Jacobina a define como a alma responsável por transmitir a vida, e afirma que essas duas almas são fundamentais para completar o homem. Assegura que existem casos de pessoas que trocam de alma, ou que a perdem, e que nesse caso, perder uma “uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. (...)”.(Assis, 1994).

A nomeação de alferes gerou ciúmes em diversos amigos e outros que concorriam ao posto e, em contrapartida, muito orgulho a sua família. Em um dado momento, uma das tias de Jacobina, viúva, que morava distante, desejou vê-lo e pediu para que ele fosse passar um tempo em sua casa, insistindo para que levasse sua farda de alferes.

Ao chegar à casa de sua tia Marcolina, foi recebido com muitos abraços e carinhos. Sua tia o chamava de “seu alferes”. Esta chegou a confessar que tinha inveja da pessoa que o namorasse. Para mostrar o apreço por sua visita e o reconhecimento por sua promoção, sua tia ofereceu-lhe um objeto de muita importância, e pediu para que um espelho grande e ornamentado fosse colocado em seu quarto enquanto permanecesse em sua casa. “Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI.” (...). (Assis, 1994).

Todos os mimos, carinhos, atenção, provocaram em Jacobina uma grande transformação.

Em seu discurso para seus companheiros, relata o que julgou ser uma troca de identidade, dizendo: “o alferes eliminou o homem” (Assis, 1994). Descreve que em alguns dias as duas “naturezas”, como denomina, se equilibraram, mas que com o passar de três semanas, uma natureza cedeu à outra, restando apenas uma pequena parte de humanidade. Enxerga-se neste momento, o protagonista como sendo exclusivamente o Alferes. “A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. (Assis, 1994).

Certo dia, sua tia recebeu uma notícia grave sobre uma de suas filhas que estava muito doente e precisou ausentar-se de sua casa. Alferes permaneceu na casa para aguardar o retorno de sua tia.

Assim que Marcolina deixou sua casa, Alferes passou a ter sensações físicas de desespero e dor. “Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico.” (Assis, 1994).

Neste período em que ficou sozinho, não havia se olhado no espelho nenhuma vez. E ao fazê-lo, para sua surpresa, não reconheceu a imagem ali refletida. Jacobina tinha a impressão de que o espelho não refletia uma figura nítida e inteira, apontando uma imagem vaga, esfumada e difusa.

Após este período de desespero, lembrou então de vestir sua farda de alferes, e neste momento, ao olhar-se novamente, o espelho refletia a imagem nítida de sua pessoa.

Desde então, certa hora do dia, vestia-se de alferes e sentava-se diante do espelho, meditando, olhando, e dessa forma Jacobina conseguiu atravessar os dias de solidão na companhia do Alferes.

Ao fim deste relato, todos os presentes estavam atônitos, mas quando voltaram a si, o narrador – que a esta altura não esclarece qual sua atual identidade, Jacobina ou Alferes – já havia descido as escadas e ido embora.

## 5 JACOBINA, UM PERSONAGEM SOCIAL

"Uma consciência apenas pessoal acentua com certa ansiedade seus direitos de autor e de propriedade no que concerne aos seus conteúdos, procurando deste modo criar um todo. Mas todos os conteúdos que não se ajustam a esse todo são negligenciados, esquecidos, ou então reprimidos e negados. Isso constitui uma forma de auto - educação que não deixa de ser, porém, demasiado arbitrária e violenta. Em benefício de uma imagem ideal, à qual o indivíduo aspira moldar-se, sacrifica-se muito de sua humanidade (...) A este segmento arbitrário da psique coletiva, elaborado às vezes com grande esforço, dei o nome de persona (...) Ao analisarmos a persona, dissolvemos a máscara e descobrimos que, aparentando ser individual, ela é no fundo coletiva; em outras palavras, a persona não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real, ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade (...) de certo modo, tais dados são reais; mas, em relação à individualidade essencial da pessoa, representam algo de secundário (...) A persona é uma aparência, uma realidade bidimensional" (Jung, 1984. p. 32-3).

A análise apresentada neste capítulo será voltada para os conteúdos apresentados no conto relativos à metamorfose sofrida por Jacobina após receber a nomeação de alferes.

Na forma literária, o conto foi escrito no período do Realismo, em meados do século XIX. Tem início e fim com o foco narrativo em terceira pessoa. Neste intervalo ocorre o discurso do personagem principal, Jacobina, que narra um episódio de sua vida aos seus parceiros que estavam presentes na “casa do morro de Santa Tereza”. A narrativa de Jacobina é unidimensional, interrompida algumas vezes por pequenas perguntas das outras pessoas que o escutavam, mas significativamente interrompida uma única vez pelo próprio narrador em terceira pessoa.

A fim de melhor apresentar os acontecimentos de sua trajetória, durante a narrativa, Machado de Assis percorre um caminho mesclando tradições mitológicas, literárias e filosóficas.

O conto trata da história de Jacobina, que tinha vinte e cinco anos, era pobre e acabava de ser nomeado Alferes da Guarda Nacional. O posto de alferes existe em diversos países. Considerando a etimologia, a palavra “alferes” origina de duas

hipóteses. A primeira hipótese é de que é uma palavra derivada da língua árabe, que significa “ao cavalheiro”. Já a segunda hipótese, é de que a palavra “alferes” deriva do termo latino “aquilifer”, que designava o soldado que transportava a águia. (Sobral, 2008).

No Exército Brasileiro, a primeira patente de oficial era a de alferes, porém, na reforma das Forças Armadas de 1930, Getúlio Vargas, substituiu o cargo pela patente de segundo-tenente. Na hierarquia militar, segundo-tenente é o posto inicial do oficialato, fazendo parte do círculo dos oficiais subalternos no Brasil. (Sobral, 2008).

O posto de tenente (abreviação de lugar-tenente), hoje em dia, remete à designação de vários cargos que estão associados ao substituto, imediato ou representante de um poder superior. Atualmente, o termo esta relacionamento principalmente, para aquele que refere às patentes militares, navais e paramilitares de oficiais subalternos. De acordo com Sobral, a palavra "tenente" significa, literalmente, "aquele que quer". (Sobral, 2008).

Relatos históricos afirmam que o posto de alferes, dentro da hierarquia militar, era designado ao responsável por carregar o estandarte de seu batalhão, ou seja, era um cargo com a função exclusiva de ostentar o símbolo que diferencia e nomeia cada grupo, além de representar toda a honra e glória advinda de batalhas vencidas. É legítimo supor que a escolha do autor pela patente de alferes não tenha sido aleatória. A nomeação no conto poderia ser de qualquer outro cargo ou posto também enriquecido simbolicamente de reconhecimentos e glórias, mas este foi o escolhido para o papel. Seria este encaixe planejado de modo a somar os valores simbólicos do cargo e a necessidade de reconhecimento de Jacobina? Por que alferes e não outro?

Por parecer desejar com tamanha intensidade assumir um posto de grande significado simbólico, ao longo do conto torna-se claro o quanto este desejo somado ao simbolismo do cargo resultou em mudanças de comportamentos e atitudes, que serão apontados ao longo deste trabalho. Não se sabe ao certo se Jacobina gostaria de assumir esse posto por desejo próprio ou se este cargo funcionaria como uma espécie de agente aglutinador de seus desejos e dos desejos de seus amigos que lhe compram todo o fardamento, da Tia Marcolina e de sua mãe. No entanto,

independente das motivações, um fato é inegável, a promoção para alferes, afeta a dinâmica e o psiquismo de muitos personagens importantes da história narrada por Jacobina.

A narração do conto permeia entre a primeira e terceira pessoa. Por vezes passando a impressão de que Jacobina esta se auto - apresentando, e por vezes, passa a impressão de que é outra pessoa quem conta a história. O conto tem início com “quatro ou cinco cavalheiros” que debatem acerca da natureza da alma: “Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos”.

A incerteza do quinto elemento participativo da história se desenvolve ao longo do conto, Machado de Assis prossegue narrando e resolve classificar esta quinta pessoa como “(...) calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação.”. Este é o chamado Jacobina e posteriormente Alferes. (Assis, 1994.).

Este tipo de posição adotada pelo Machado de Assis pode indicar que este quinto participante não pretende se identificar com os demais companheiros, como tende a apontar Machado de Assis (1994), no trecho abaixo:

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assis, 1994).

No decorrer do texto, o personagem sofre algumas transformações que são passíveis de análise. Machado de Assis no início tende a apontar o personagem principal de forma vaga e por vezes evasiva e autoritária, além de também apontar a reclusão como uma de suas características. A imagem de Jacobina, sofre alteração ao longo do conto, já quando em outro momento a sua solidez identitária é ameaçada, o que faz com que a própria condição humana ficasse sob suspeita. Em

outras palavras é possível reconhecer uma evolução ou metamorfose do personagem principal, o que instiga uma visada psicológica.

Em determinado momento do conto, antes de iniciar o relato de suas experiências, Jacobina mostra um posicionamento recluso cuja inclinação indicava uma falta de disposição à participar das discussões levantadas ali. Para iniciar seu relato, talvez como uma possível forma de se proteger, Jacobina estipula um contrato verbal com os demais, para que estes não palpitem e interrompam sua história. Ao iniciar o relato de sua nomeação para Alferes da Guarda Nacional, Jacobina mostra com muita vivacidade as metamorfoses passadas neste período, e as reflexões trazidas ao assumir uma nova identidade.

Em determinados momentos do conto, Machado de Assis inclui elementos físicos para elucidar a dor e a dimensão desta nova persona metamórfica assumida por Jacobina, que cria vida e substitui o próprio nome de seu portador, que agora passa a ser chamado Alferes.

Após a instauração do Alferes em si, Jacobina – que neste momento do relato já voltara a sua própria imagem – relata que em determinado momento desta passagem deixou de reconhecer sua imagem no espelho quando não estava de farda, e que este reconhecimento apenas era direcionado ao Alferes, enquanto portava sua farda frente ao espelho.

Durante o conto, Jacobina desenvolve certas inseguranças e dúvidas, acreditando posteriormente que perdeu a sua humanidade: “O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade.”. (Assis, 1994)

Num contexto social, a noção de pertencimento é de extrema importância para o indivíduo. O indivíduo necessita ser reconhecido socialmente e compartilhar elementos com determinado meio.

Diferentes autores estudaram o pertencimento social, abordando a importância deste contexto para o desenvolvimento do indivíduo. Durkheim (1985) identificou estruturas de ideação coletiva, Moscovici (1961), afirmou as representações sociais caracterizadas pelo desenvolvimento da ciência e mobilidade

social. (Jodelet, 1989). Além é claro de Freud, por exemplo, no texto "Psicologia das massas e análise do Eu", onde afirma que:

O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social. (Freud, 1856).

Jung também desenvolveu diversos conceitos sobre o indivíduo, e também sobre questões que permeiam sua vivência social e estudou a fundo algumas defesas e características recorrentes nos seres humanos.

Em um dos seus estudos, pôde perceber que o indivíduo utiliza um tipo de "máscara" para se adaptar ao ambiente, e que esta máscara, possui um componente diretamente derivado do contexto social, uma vez que o indivíduo adquire esse tipo de comportamento justamente para promover a necessidade de adaptação. A este tipo de conduta, Jung conceituou como Persona. (Jung, 1875).

Persona segundo Jung (1875), deriva da palavra latina que se referia às máscaras utilizada pelos atores na época clássica. A persona faz referência a um tipo de papel representado socialmente, com o intuito de adequar-se ao meio social. Persona é considerada na psicologia analítica, como um processo psíquico, ou seja, representa um processo psicológico em que o indivíduo faz uso em seu benefício, ora para se adaptar e ora para se proteger. A máscara nesse processo faz parte de um dos recursos que são utilizados pela persona.

É importante salientar que apesar de ser considerada uma estrutura muito próxima do Ego, por vezes a persona não é utilizada de maneira consciente por seu portador, podendo tornar-se vítima de algo inconsciente. Ou seja, o Ego mantém-se distante dos motivos que poderiam leva-lo a utilizar-se de determinada persona. Mantendo-se desta forma extremamente rígido e limitado.

Máscara no sentido dicionarizado representa uma cara, ou parte dela, que se põe no rosto. De acordo com o Dicionário Michaelis, a máscara pode ser considerada também como um disfarce, cobertura com que se resguarda o rosto ou enfeite para festa. Acatado como um acessório para cobrir o rosto, a máscara pode ser utilizada para diversos objetivos, como: disfarce, esconder a identidade, interação com dança e rituais, entre outros.

O teatro grego, provedor da utilização das máscaras, nasceu das danças e dos versos improvisados nos rituais dionisíacos. Os gregos consideravam Dionísio protetor das belas-artes, em particular do teatro. No teatro grego, as cenas se dividiam entre viver dezenas de vidas, representar diversos papéis ao mesmo tempo e transformar-se em outras divindades. As máscaras que eram utilizadas pelos autores, inicialmente eram feições animais. “Cabia ao ator representar com o rosto, o corpo e as máscaras.” (Samuels, 2012).

No decorrer do conto, Jacobina conquista a patente de alferes da guarda nacional, e se transforma em Alferes, identificando-se intensamente com esse novo “personagem”. Entende-se a persona como o tipo de máscara utilizada pelo indivíduo para se adaptar ao mundo externo. Por exemplo, a forma de se comportar na sociedade, um status social, uma roupa, um carro, uma profissão, um trabalho.

A persona pode servir como meio de adaptação, mas também pode atuar como meio de transformação, como no caso dos atores que deliberadamente emprestam seus corpos para revelarem no palco outra identidade. No caso dos atores, eles utilizam a persona de forma consciente e revela ao público de maneira deliberada. Neste caso, o uso consciente da persona diferenciaria o ator das demais pessoas. No entanto, também é legítimo supor que os atores também teriam uma persona.

Nos dramas gregos, as máscaras utilizadas pelos atores eram meticulosamente criadas para informar a plateia, ainda que de forma um pouco estereotipada, sobre o caráter e as atitudes do papel que cada ator estaria representando na peça. Podemos exemplificar este conceito utilizando do convite feito por tia Marcolina, no qual solicita que Jacobina, ao passar alguns dias em sua casa, também leve consigo sua nova farda de alferes. Podemos considerar, nesta passagem, que tia Marcolina queria passar seu tempo com o Alferes, e não com o

Jacobina. A este posicionamento, pode-se considerar o uso da persona de Alferes para impressionar e atender aos desejos da tia Marcolina. Em outra etapa do conto, pode-se encontrar o uso persona de alferes quando Jacobina relata que: “Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez.” (Assis, 1994). Estes são alguns dos possíveis exemplos do decorrer do texto, que ilustram o conceito de persona.

Pode também ser considerado um exemplo da persona a reação de Jacobina, quando, no início do conto, os quatro personagens estavam conversando sobre metafísica, e o Jacobina preferiu não participar da conversa. O fato de resmungar, de não conversar, de ficar calado, levanta a possibilidade acerca da utilização de uma máscara: Pode-se pensar nesta máscara como uma representação muito próxima ao de uma personalidade que se considera superior às outras. É possível a consideração da imagem social de um militar: “nem opinião, nem conjectura (...) eu não discuto (...) ouvir-me calado”. (Assis, 1994). Jacobina ao vestir essa máscara, tendia a se comportar de forma que as pessoas que o vissem, acreditassem e o respeitassem como militar. Sendo assim, em vez de estar no papel de Jacobina, acredita-se que o personagem já apresentava indícios de estar no papel de Alferes. Neste caso, a suposição é a de que a persona de alferes continuaria atuando de maneira intensa na vida do protagonista como forma de proteção contra o Ego, que poderia ser inserido em sua vivência pessoal e individual através de olhares, censuras e opiniões. Um questionamento de sua identidade nesse caso não seria admitido.

O fato de ele não discutir, pode ser considerado uma defesa, e o personagem refere-se a isso como um ato extremo, considerando inclusive pessoas que criticam como parte de uma herança bestial, e as pessoas que não se atracam em debates, parte de uma classe angelical.

Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. (Assis, 1994).

Alferes demonstra rejeição a qualquer tipo de análise crítica. “Nem conjectura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida (...).”(Assis, 1994). Existe neste relato um medo de ser criticado? O fato de não discutir pode ser considerado como uma proteção à crítica? Pode ser considerado como uma estratégia utilizada para demonstrar segurança, autoridade e certeza sobre os fatos?

O fato de não se sentir parte do grupo ou colocar-se à parte desse, de defender que entidades superiores não discutem, abrindo margem para explicações pareando suas experiências aos dos anjos, indica uma possível defesa às críticas sociais e ao olhar do outro.

Alferes temia como o outro iria lhe questionar, por medo de não conseguir oferecer as respostas certas? Jacobina quando se transformou em Alferes, se identificou de tal modo com sua máscara, que pensar em sair desse papel de Alferes o deixava numa posição desconfortável, ao ponto de se defender do olhar do outro o tempo inteiro?

Outra possibilidade é enxergar Jacobina como uma pessoa tão segura a respeito de suas experiências que ali não o interessava as opiniões alheias a respeito de sua narrativa. As questões e reflexões geradas por aquela experiência, talvez já estivessem resolvidas de tal forma que ali não interessava qualquer outro conteúdo que pudesse combater ou alterar suas conclusões. Naquele momento, a colocação de Jacobina poderia estar direcionada de uma maneira a ser usada como um argumento, ou até mesmo, um ensinamento:

Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. (Assis, 1994).

Talvez qualquer réplica que seja colocada diante de suas certezas não geraria nada além de uma perda de tempo para o personagem.

Outra possibilidade é considerar que Jacobina não está preocupado com a opinião de seus companheiros, mas simplesmente quer narrar sua experiência, quer contar uma história, e assim como um escritor, não quer ser interrompido, não por

algum motivo pessoal, mas em respeito à história. Aceitando essa hipótese a postura de Jacobina não precisa ser lida por meio da persona, mas por uma separação desta, já que não está buscando aceitação pessoal ou adequação social.

Se considerarmos essa possibilidade, Jacobina estaria mais próximo de um artista que narra um conto do que de um caso clínico. Considerando o contexto abordado no capítulo sobre a ligação entre a psicologia e a literatura, se Jacobina for considerado como o próprio artista e criador de sua história, a visão psicológica do caso altera-se de direcionamento. Vemos então, a necessidade de abordar questões literárias como o real motivo de contar essa história a seus companheiros, o porquê contou a história em primeira pessoa, ora exaltando suas qualidades e qualificações, e ora rebaixando-se a uma pessoa fraca com medo da solidão. Qual seria então, o real motivo deste artista, em contar essa história com tamanhos detalhes e fragilidades?

Será que Jacobina está defendendo sua identidade ou defendendo a história que está contando? Será que se trata de uma defesa pessoal – de uma persona ou de um Ego - ou então da defesa de uma história que para ser compreendida primeiro precisa ser creditada, ou seja, precisa ser aceita, precisa ser ouvida do início ao fim, para só então ser criticada?. O que Jacobina pede não é atenção, não é simplesmente a concordância que importa neste momento. Talvez não demande aceitação, mas respeito. Se analisarmos neste sentido, as afirmações de Bernardes e Jung encontram um novo ponto de confluência, Jacobina não quer ser analisado, mas quer que sua história seja vista em primeiro plano, não quer ser julgado pelos seus colegas como um caso clínico, pelo contrário espera que sua história, antes de tudo, possa ser apreciada.

Finalmente, será que é por isso que no final do conto o narrador – Jacobina – desaparece, pois já não é mais ele quem importa para o desenrolar da história? Talvez Jacobina gostasse de passar o ensinamento que obteve através dessa experiência para seus companheiros? O fato de querer ensinar aos seus companheiros, o quanto tem vivência na vida, e o quanto passou por situações difíceis e conseguiu superar, pode ser vista como uma máscara?

Se considerarmos, de acordo com algumas dessas hipóteses, o uso da máscara como forma de proteção, podemos apontar uma característica da

existência da persona. A persona, como qualquer outro elemento psíquico, possui um lado benéfico e outro maléfico. Em seus aspectos benéficos, a persona auxilia a convivência em sociedade, auxilia a inserção nos grupos, as profissões, as adaptações em lugares e momentos diversos, ou seja, pode auxiliar no aprendizado de determinado papel social. A persona tem também a função de proteger as características que o indivíduo quer esconder, que o desabona. Também transmite certa sensação de segurança, na medida em que cada um desempenha exatamente o papel que se é esperado. (Samuels, 2012).

No sentido nefasto da persona, há o perigo de o indivíduo identificar-se com o papel por ele desempenhado, fazendo com que a pessoa se distancie de sua própria natureza. “Um médico, por exemplo, não é médico o tempo todo. Em casa é o pai, o marido, o filho e assim outras máscaras ele estará utilizando”. (Ballone, 2005)

Os critérios para o uso da persona sofrem alterações ao longo da vida da pessoa, uma vez que o padrão para a formação das máscaras são susceptíveis a uma variação de estímulos infinitos. “Às vezes, a persona é referida como uma característica social, envolvendo todos os compromissos próprios para se viver em uma comunidade” (Ballone, 2005)

Diferentes são os símbolos que podem ser utilizados pela persona, incluindo objetos do vestuário (roupas, véus, sapatos), um papel ocupacional (instrumentos, pasta de documentos, computador), símbolo de status (carro, casa, diploma, roupa, comida, hobby). (Ballone, 2005)

“Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, na verdade, gentilíssima, que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...”. (Assis, 1994).

A persona pode ser considerada como um mediador entre o Ego e o mundo externo. A persona tem o papel de proteger o Ego das diversas forças, atitudes e influências sociais que invadem o indivíduo. O Ego tem o papel de direcionar as ações conscientes do comportamento. (Samuels, 2012).

O Ego pode ser comparado a um filtro localizado no centro da consciência. Apesar de consciente, o Ego funciona como um transportador de pensamentos que não são do agrado da consciência, para o inconsciente. No caso do Alferes, pode-se dizer que existe um conteúdo psíquico ou pensamento que foi reprimido pelo Ego, tornando-se inconsciente, gerando assim sua identificação com a persona.

## 5.1 Duas almas

Neste capítulo, abordaremos outro tema levantado por Machado de Assis que esta relacionado com a dinâmica entre o Ego e a persona.

Na continuação do conto, Jacobina relata uma de suas teorias aos companheiros presentes na discussão. Este descreve sobre a existência de duas almas, denominando-as como alma interior e alma exterior.

De acordo com a psicologia analítica (Samuels, 2012), o conceito de alma esta relacionado ao termo “psique”, que significa “tonalidade de todos os processos psíquicos, conscientes como também inconscientes”. Ou seja, alma para psicologia analítica, pode ser considerada como a perspectiva que o indivíduo tem sobre os fatores psíquicos externos e internos com os quais estabelece relação.

De acordo com Gorresio (2012), o conceito de alma existe na psicologia sobre diversas óticas:

“Alma ou *psyché* são conceitos que sofreram constantes transformações na história do pensamento e, apesar de estarmos familiarizados com a palavra alma ou *psyché*, seu conceito não é tão óbvio assim. O conceito de alma é um conceito extremamente complexo, que junto com os conceitos do Uno e do Ser, é um dos vértices absolutos da Filosofia Antiga, e que permanece sendo até hoje no pensamento filosófico e no pensamento psicológico”. (Gorresio, 2012).

De acordo com Hillman, alma indica uma perspectiva particular sobre o mundo, que se concentra em imagens e na forma em que a psique converte os eventos em experiências. (Samuels, 2012).

Já no conto de Machado de Assis, vemos outra definição de alma exposta por Jacobina:

“(...) Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas... (...) Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... (...) Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira (...)”. (Assis, 1994).

Por alma exterior, Jacobina descreve aspectos que nos fazem interpretar conteúdos que, segundo referencial da psicologia analítica, podem estar ligados a persona.

“(...) A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc.”. (Assis, 1994).

Machado de Assis discorre brevemente sobre alma exterior, definindo-a como aquela que “olha de fora para dentro” e que completa a alma interior. Depreende-se do texto machadiano que a alma exterior pode se apresentar em diversos objetos e situações. Podemos entender esta transmissão de vida como as questões básicas de sobrevivências e necessidades, ou também podemos considerar como vida os próprios sentimentos e emoções, o fazer de um hobbies, a apreciação de uma experiência. Similar a esta definição machadiana, Jung afirma que um ser que tem alma é um ser vivo. Alma é o que vive no homem, aquilo que vive por si só, gera vida. Com sua astúcia e seu jogo de ilusões a alma seduz para a vida a inércia da matéria que não quer viver. Ela (a alma) convence-nos de coisas inacreditáveis para que a vida seja vivida. A alma é cheia de ciladas e armadilhas para que o homem tombe, caia por terra, nela se emaranhe e fique preso, para que a vida seja vivida. Se não fosse a mobilidade e iridescência da alma, o homem estagnaria em sua maior paixão, a inércia. (Jung, 1875).

Na visão de Jung, comportamentos instintivos são aqueles relacionados às experiências de cunho universal e básico, como, por exemplo, nascimento,

casamento, morte, maternidade. Ele se refere a esses comportamentos como arquétipos. (Samuels, 2012).

Os arquétipos são padrões de comportamento apresentados pelos indivíduos e ligados ao instinto, ou seja, ligados à energia que impulsiona a vida do indivíduo, como por exemplo, a alma interior citada por Machado de Assis. Os arquétipos são influenciados por diversos estímulos como: complexos, símbolos pessoais e/ou símbolos culturais. (Samuels, 2012).

Nas palavras de Jung (1875, pág. 87) o conceito de arquétipo indica a existência de determinadas formas na psique, que estão presentes em todo tempo e em todo lugar.

Durante o conto, fica claro que a alma exterior muda de natureza e de estado, pois é moldada de acordo com fatores sociais. Já a alma interior encontra-se suprimida e esquecida sob uma crescente alma exterior que se infla com todo o reconhecimento social recebido, restando apenas, nas palavras de Jacobina: “uma parte mínima de humanidade”.

Nota-se no decorrer do conto, que o personagem que é reconhecido pelo fator externo, é chamado constantemente de Alferes, ou seja, o que esta diretamente relacionada com a alma externa (seu uniforme, por exemplo), e o outro personagem, o ser original em sua essência, que se vê sem muito significado, um homem comum, e conseqüentemente alinhado à alma interior, é chamado de Jacobina. Existe, portanto, simbolicamente, a cisão entre a alma exterior e a alma interior, entre Jacobina e Alferes, entre o homem comum e o homem socialmente valorizado.

Jacobina ao longo do conto demonstrou forte identificação com a máscara que utilizava, no caso, a da patente. A percepção dessa identificação ficou por conta do desaparecimento de sua imagem no espelho quando estava sem a farda.

“E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos...”. (Assis, 1994).

Fica perceptível a dificuldade de Jacobina neste estágio, em equilibrar as “duas almas”, como citado no conto. Podemos, então, pensar que este acontecimento demonstra sua impossibilidade de entrar em contato com o aspecto interior?

Machado de Assis, através de Jacobina, afirma a existência de duas almas, uma interior e outra exterior. Ambas possuem a função de transmitir a vida, porém, a alma exterior possui um caráter que se relaciona e se apresenta socialmente. Este afirma que uma alma completa a outra, e que existem casos em que uma alma se sobrepõe à outra, podendo implicar na perda de boa parte da existência, ou mesmo na perda por completo. Já para Jung, a alma é responsável por realizar a ligação entre o consciente e o inconsciente, assumindo assim, um papel de insight no indivíduo. Embora diferentes, podemos encontrar uma similaridade entre os conceitos, já que tanto a alma exterior como a alma interior, no conto, fariam parte do indivíduo, atuando como partes complementares. No caso da conceituação junguiana, a alma exterior seria o equivalente a persona, instância formada pela sedimentação da imagem social de determinado papel que se liga ao Ego. Por outro lado, a alma interior machadiana seria o equivalente do conceito de alma, na psicologia analítica.

## **5.2 Simbologias e Ego**

Outro tema que consideramos importante abordar é a significância de símbolos que Machado de Assis utiliza no conto, e a ligação destes para a psicologia analítica. Machado de Assis utiliza simbologias que discorrerem sobre dualidades e cisões em diversas citações. Exemplos sobre suas falas estão nas citações sobre claro e escuro; anjos e bestas, entre outros.

Para Jung, a dualidade, ou opostos como chama em sua obra, é indispensável para o dinamismo psíquico, ou seja, o processo psíquico ocorre por meio da relação entre diferentes esferas que por vezes se colocam em oposição,

essa relação pode ser claramente reconhecida, por exemplo, da dinâmica entre consciência e inconsciente, ou entre Ego e Self. (Samuels, 2012).

Jung afirma que os opostos são considerados como uma natureza irreconciliável, afirmando que se os dois lados viverem em comum acordo, proporcionam ao indivíduo um estado de equilíbrio psíquico. Caso um dos lados sofra algum tipo de excesso ou desproporção, gerará ao indivíduo um desequilíbrio de uma das partes. Caso essa tensão se torne intolerável, é preciso buscar uma forma de reconciliação.

Sobre os símbolos, Jung afirma que eles se expressam através de analogias.

“O processo simbólico é uma experiência de imagens e por imagens. O processo simbólico inicia-se com a pessoa sentindo-se paralisada, “suspensa”, poderosamente obstruída na busca de seus objetivos e termina por uma elucidação, “introvisão” e de capacidade de avançar em um curso modificado”. (Samuels, 2012)”.

Machado de Assis utiliza simbolicamente a representação da patente de alferes para expressar a importância do cargo atribuído ao Jacobina. O alferes simbolicamente possui uma importância para o exército, sendo aquele que transporta, por exemplo, o standarte, ou seja, é a pessoa responsável por “carregar” um símbolo, como sendo o símbolo mais importante para o exército, que é o da patente. Levanta-se o questionamento do motivo de Machado de Assis ter escolhido justamente o “alferes” para representar seu conto. Pode-se observar que durante todo o conto, o alferes é carregado de símbolos, e que estes símbolos estão diretamente ligados à moldura que Machado de Assis atribui à metamorfose do personagem.

Inicialmente, o autor instiga os leitores a meditem sobre a existência de duas almas, denominando-a como essenciais para a existência do indivíduo. Porém, no decorrer do texto, a alma interior do personagem é suprimida, que até o momento deste fato, era apresentado como um simples indivíduo. No momento em que o alferes elimina o homem, simbolicamente a parte interior é retirada e reprimida, enquanto a parte exterior, ou persona, trata de tornar-se a parte central do personagem, seu Ego.

Por Ego, entende-se o centro do campo da consciência. Pode ser considerado como um objeto teórico ou energia, que sustenta os comportamentos

que são conscientes. (Jung, 1954, pág. 23). Embora o Ego esteja ligado a assuntos como personalidade, identidade pessoal, mediação entre consciência e inconsciência, também deve ser considerado como uma instância que responde às necessidades de outra, que é superior. Esta é o Self, “o princípio ordenador da personalidade inteira. A relação do Self com o Ego é comparada àquela do que move com o que é movido”. (Samuels, 2012). A consciência é a característica do Ego e é proporcional à inconsciência. “Quanto maior for o grau de consciência do Ego, maior a possibilidade de se sentir o que não é conhecido.” (Samuels, 2012).

Jung desenvolve o conceito do Self, como sendo o principal unificador da vida psíquica, por vezes cita que ocupa uma posição central na vida no indivíduo. Nas palavras de Jung, o Self não é somente o centro, “mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente como o inconsciente; é o centro dessa totalidade, como Ego é centro da mente consciente” (CW 12, parag. 444).

Entende-se que a interação que existe entre o Ego e o self, envolve um processo infindo onde se expressa na individualidade da vida do ser humano. (Samuels, 2012). Este processo acontece no decorrer da vida do indivíduo, onde o Ego e o self se comunicam de diversas formas e intensidades, gerando um processo psíquico fundamental para o reconhecimento do eu do indivíduo.

De acordo com Samuels (2012), existem duas estruturas de Ego, nomeando-os como Ego forte e Ego fraco:

“Um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente. Um ego fraco não pode fazer grande coisa desse gênero de trabalho e sucumbe mais facilmente a impulsos e reações emocionais. Um ego fraco, é facilmente distraído e por consequência, carece de foco e motivação consistente” (Jung, 1954, pág. 27).

Devido à máscara de defesa atribuída ao personagem, Machado de Assis inclui uma personagem de extrema importância ao protagonista, que é sua tia Marcolina. Embora a dinâmica da tia do protagonista não seja o foco do trabalho, essa relação pode ser vista considerando seu caráter simbólico. Jacobina devido as suas características e defesas demonstrou ao longo do conto, em especial no episódio da perda de sua humanidade, sua dificuldade em lidar a ausência de

estímulos externos, o que pode ser compreendido como uma forma de manifestação do seu Ego, ao qual se pode denominar, Ego fraco.

O Ego fraco de Jacobina é constantemente alimentado por sua tia, que passa a maior parte do tempo estimulando-o positivamente, fazendo com que este passe a reconhecer a grande importância do Alferes para o meio em que vive. Podemos considerar que Tia Marcolina e os demais vão fortalecendo a persona de Alferes que acaba sobrepujando uma parte da conexão que a alma está encarregada de estabelecer.

Na maioria das obras de Machado de Assis - Dom Casmurro (1899), Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), Quincas Borba (1891), Helena (1876) - existe uma característica em comum, que é o lado implícito e malicioso descrito. Por justamente Machado de Assis atribuir à tia o papel de fortalecimento do Ego do Alferes, pode-se perceber certa inclinação fantasiosa na relação dos personagens. Sua tia tinha o papel de estimular e admirar.

“E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes"”. (Assis, 1994).

Marcolina era viúva, solitária, morava em um sítio escuso, e ao convidar alferes para ir para casa dela, pediu a ele que levasse sua farda. Seu sobrinho foi acompanhado pelo pajem da cidade, porém, devido a grande admiração e acontecimento que a promoção para alferes havia causado na família, sua tia abrigou somente o alferes na sua residência, o pajem que o acompanhava não ficou abrigado.

“Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês (...)”.(Assis, 1994).

Vale ressaltar que tia Marcolina, talvez não por acaso, é viúva de um Capitão, outra figura militar que cerca a vida de Jacobina. E, além disso, esta relação também nos permite levantar questionamentos a respeito de como tia Marcolina enxerga Jacobina e uma possível projeção com este novo militar que se apresenta.

De acordo com Jung, o Ego fraco é facilmente manipulado, e por consequência, carece de foco e motivação consistente. Nota-se no conto, que o Alferes possuía um Ego fraco, onde é perceptível observar o quanto estímulos positivos ao seu favor atribuía uma significância de grande valor para o Alferes. Sua tia Marcolina, tinha esse papel, o de estimular, reforçando que não havia ninguém melhor do que ele em toda a região, ficando claro neste ponto que esse tipo de pensamento é uma alusão que de certa forma reforça a debilidade do Alferes, devido ao seu Ego fraco. (Samuels, 2012).

Outra possibilidade é enxergar Jacobina como uma pessoa cujo Ego pode apresentar uma estrutura relativamente forte, no entanto, essa força está voltada contra a possibilidade de questionamento de uma identidade. A este tipo de interpretação, pode-se atribuir ao personagem, uma análise de uma espécie de Ego forte, ou nas palavras de Jung, “Ego Inflado”. O Ego passa por diversas fases durante o desenvolvimento do indivíduo, se tornando natural, o seu fortalecimento e enfraquecimento em algumas fases da vida. Existe nos conceitos de Jung, uma conexão entre o Ego e a parte objetiva da psique, que define a estruturação do Ego de acordo com a intensidade desta ligação. Por outro lado, apesar da força do Ego, este também carece de influências externas para poder se sustentar, ou seja, apesar da hipótese do Ego fraco de Jacobina ser a que mais se aproxima de uma análise do todo, não podemos deixar de considerar, que este personagem também pode estar sendo guiado pela força do Ego inflado. (Jung, 1954).

Outra questão que aparece com frequência, é a utilização das dualidades como simbologias. Jung em seus estudos percebeu que o entendimento dos símbolos era necessário para o entendimento do indivíduo. Devido a grande repetição de símbolos demonstrados pelos seus pacientes, Jung neste momento apresenta os conceitos do inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O inconsciente pessoal apresenta materiais e conteúdos adquiridos durante a vida do indivíduo, que foram esquecidos ou reprimidos. Já o inconsciente coletivo, é a

estrutura psíquica que foi herdada e é comum a toda a humanidade. Pela classificação dos símbolos, Jung divide em símbolos culturais, fazendo referências aos contos de fadas, mitos, provérbios e imagens, e os símbolos pessoais, podendo ser entendidos como formação de comportamentos que aparecem do inconsciente e estão relacionados ao momento em que o indivíduo se encontra. (Samuels, 2012).

Do conto, destacamos alguns exemplos:

“E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. (...) Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único (...) Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. (...) De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos...”. (Assis, 1994).

Metaforicamente, vemos a citação de “(...) Mas a noite era a sombra (...) dia claro (...) um receio de achar-me um e dois, (...) não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra (...)”. (Assis, 1994).

Para o Jung, a simbologia tem extrema importância para a construção do desenvolvimento do indivíduo. (Samuels, 2012). O fato de Machado de Assis, utilizar essas simbologias, atenta-nos para o fato dessas citações fazerem parte do momento ápice em que o personagem principal se transforma, passando de Jacobina para Alferes. Seria proposital, da parte de Machado de Assis, utilizar dualidades no conto para provocar a percepção do leitor em relação a essa nova fase que o Jacobina estaria entrando?

Esta nova fase pode ser considerada como uma passagem de uma sombra para o dia claro? A vivência de duas agonias igualmente intensas, no entanto, cada qual ao seu modo, apresentava suas vicissitudes. E posteriormente, uma passagem difusa, onde a sombra encontrou com o Ego?

Existe claramente nos relatos do Jacobina, quando se transforma em Alferes, uma passagem de um lado claro e cômodo, que era o lado em que as pessoas o paparicavam, o elogiavam e estimulavam, para uma passagem onde ele se encontrava sozinho, e neste momento inevitavelmente entrou em contato com o “eu” interior.

Em 1945, Jung nomeou este medo de contato com o “eu” como sombra, definindo-a: “a coisa que uma pessoa não tem desejo de ser”. A sombra pode ser referida como o lado negativo da personalidade, como se fosse a soma de todas as questões vistas como negativas e desagradáveis que o indivíduo deseja esconder. O lado inferior, sem valor, obscuro e primitivo da natureza do indivíduo. (Samuels, 2012).

Jung afirma que lidar com a sombra envolve o indivíduo ter de harmonizar-se com os instintos. A sombra é um conteúdo intenso, capaz de alarmar e dominar o Ego estruturado. (Samuels, 2012). Seria cabível o questionamento de que a sombra está mais claramente expressa no medo de Jacobina se olhar no espelho e perceber sua imagem dividida, fato que posteriormente ele afirma – como se fosse um achado – anos mais tarde, para seus companheiros de charuto?

“Quando a consciência se vê em uma condição ameaçadora ou duvidosa, a sombra se manifesta como uma projeção forte e irracional.” Alferes demonstra essa fragilidade no trecho em que tem dificuldades em aceitar questionamentos: “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna.”. (Samuels, 2012).

A sombra é um arquétipo e por este motivo permanece viva na personalidade, aparecendo constantemente e a qualquer momento. A sombra é considerada por Jung como o mais poderoso de todos os arquétipos, não existindo a possibilidade de excluí-lo, pois é a fonte de tudo que existe de melhor e de pior no ser humano. (Laplanche, 1990).

Enquanto a persona é desenvolvida no indivíduo no decorrer de sua vida, com o objetivo de facilitar sua convivência e adaptação ao meio, a sombra é o receptáculo dos aspectos que não são compatíveis com a adaptação, suprimidos durante o desenvolvimento da persona. (Jung, 1954, pág. 31).

Um exemplo da oposição persona x sombra, é o personagem com dupla personalidade do romance “O médico e o monstro”, Dr. Jekyll e Mr. Hyde. O primeiro é o médico sensível e bondoso – persona - e o segundo um monstro insensível e criminoso – sombra -, representando os dois lados (polaridades opostas) da mesma pessoa. O mesmo acontece com o Alferes quando a sombra do personagem aparece no momento em que ele não se reconhece no espelho sem a farda. O Ego se identificou com a persona, e o eu, a qual era refletido no espelho, se tornou a sombra do personagem. Após tantos estímulos e prestígios, Alferes viu-se “descoberto” sem a farda, tornando-se uma pessoa comum, sem poder, sem heroísmo. Pode-se dizer que neste momento, Alferes estava entrando em contato com sua sombra. (Laplanche, 1990).

“O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado.” (Assis, 1994).

Em 1945, Jung enfatiza que cada indivíduo possui uma sombra, e que toda coisa substancial emite uma sombra. Afirma que se existe uma inferioridade que é consciente, existe uma oportunidade de corrigi-la, mas que caso ao contrário, quanto menos incorporada na vida consciente do indivíduo, mais negra e densa ela é. Jung afirma “que o Ego está para a sombra como a luz para a penumbra, que é a sombra que nos faz humanos” (Samuels, 2012).

A sombra por ser um arquétipo, seus conteúdos são considerados poderosos de acordo com o Jung, são constituídos por afetos, obsessões, possessividade, capaz de alarmar e dominar o Ego estruturado. O não reconhecimento da imagem do Alferes no espelho é uma forma da sombra se manifestar através de afetos e projeções, dominando assim o Ego, ou seja, o eu. Quando a consciência se vê em uma condição ameaçada ou de dúvida, a sombra se manifesta como uma projeção forte e irracional. (Samuels, 2012).

### 5.3 O espelho

Neste capítulo abordaremos o momento em que o Alferes elimina o homem e toma conta de Jacobina. Além das questões físicas acerca da solidão sentidas por Alferes no momento em que sua tia o deixa sozinho em sua casa.

Como já abordado anteriormente, pessoas que possuem o Ego fraco carecem constantemente de estímulos externos, que são internalizados como forma de sustentação de seu Ego. Consideramos importante salientar que nem todo estímulo externo precisa ser verbal, existem diversos tipos de estímulos. Por vezes um estímulo pode ser um troféu, algum dinheiro, um elogio ou uma conquista, basicamente, qualquer tipo de ganho que o indivíduo tenha proporcionado por esses símbolos, podemos considerar como um estímulo. Um dos estímulos utilizados, que aparece com grande frequência e total importância no conto é o espelho.

Ao ser nomeado alferes, Jacobina ganha de presente um espelho para colocar em seu quarto:

“Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madreperla e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...(...) uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa.” (Assis, 1994).

Vemos que o espelho possui uma grande valorização em sua descrição, o que talvez tenha servido para aumentar a importância ao redor do cargo de alferes, uma vez que este foi destinado como premiação por seu novo posto. Além desta possibilidade, é importante ressaltarmos a escolha do objeto espelho como premiação e início de uma situação onde ocorrerá uma troca de imagens.

O espelho, simbolicamente, pode ser visto como um dos únicos estímulos externos existentes que é isento de opinião, ou seja, ao refletir a imagem de

Jacobina, o espelho iria refletir a imagem real, e o que alteraria a imagem seria a própria imaginação ou consciência de Jacobina.

Seguindo ainda neste raciocínio, o espelho pode promover um choque entre a fantasia e a realidade, como no momento em que Jacobina se olha no espelho sem a utilização da farda, o que até então era inconsciente, torna-se consciente. Jacobina, mesmo sofrendo prejuízos corporais, não havia percebido sua identificação com a persona até olhar-se no espelho e ver sua imagem esfumaçar-se diante da ausência de sua farda, o que até então era o sustento de sua persona.

A imagem refletida no espelho representa sua sombra e sua identificação com a persona, e define um processo psíquico de aquisição da consciência, que pode ser denominado como Processo de Individuação, constituído pelo confronto entre a Sombra e a Persona, que será explicado posteriormente.

A Sombra representa aquilo que o indivíduo não quer, ou não suportaria entrar em contato, já a Persona possui um caráter adaptativo que permeia o contexto social, ao mesmo tempo em que é constituída por este. A partir do momento em que o indivíduo experimenta conscientemente este confronto (sombra versus persona), passa então pelo processo de individuação, assumindo assim novas posições perante a realidade e suas fantasias. (Samuels, 2012).

Pode-se perceber que o espelho no conto significa verdade, pois não tem como esconder a imagem, fugir dela ou alterar. Não existe influência externa que modifique seu reflexo. Simbolicamente pode ser observado o uso do espelho estimulando o Alferes, pois, ao ganhar a “melhor peça da casa”, Jacobina também poderia se sentir a mais importante pessoa ao se olhar no espelho, uma vez que ser Alferes simbolicamente era importante para sua tia.

“Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. (...) E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu? (...) porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me

dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. (...) E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado...”. (Assis, 1994).

O que altera o formato da imagem no espelho é a percepção que o indivíduo tem dele mesmo. Esta percepção vai de acordo com a percepção do outro, sendo que o outro define o seu limite. Nota-se durante o desenvolvimento do conto, que nos momentos em que o Alferes se vê sozinho, ele perde a referência e seu limite, pois conforme abordado no capítulo I, o indivíduo precisa da convivência com o outro, para pertencer e definir sua imagem e seu limite.

Se considerarmos que Jacobina possui um Ego fraco, podemos pensar que a ausência de sua tia, que ali lhe servia como supridora de estímulos externos causou na falta destes, uma desestruturação de seu Ego. E enquanto este apresentava sua fraqueza, foi tomado por uma imagem cercada por importâncias e estímulos externos, que carregariam para si a estrutura que lhe faltava, e aqui se dá o início da incorporação do Alferes.

Jacobina começa a apresentar sintomas por conta da falta de estímulos e reconhecimento externo, onde afirma que com a saída de sua tia, ao ficar no sítio com os escravos, sua alma exterior ficaria reduzida e limitada a alguns “espíritos boçais”, ou seja, Jacobina neste momento demonstrava identificação com o externo de tal forma, que se limitou e “rebaixou” sua condição ao de um ser “inferior”, justamente por ter somente os escravos como parâmetro. Este tipo de posicionamento é típico de uma pessoa com Ego fraco, onde carece o tempo inteiro de estímulos externos que considere estar a sua altura. Jacobina também relata que sentia como se morrer fosse melhor do que ficar sozinho, quando diz:

“Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? Era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas.”. (Assis, 1994).

Era tamanho o desespero de Jacobina em não ter um reconhecimento externo, para poder sentir seu limite, que este preferiu à morte a solidão pois a solidão neste caso, parecia mais dolorosa do que a morte?

Neste momento então, começa a narração do protagonista sobre seus sintomas físicos que foram causados pelo fato da ausência de estímulos. Existe em todos os indivíduos, uma consciência corporal, denominada por muitos autores como Imagem Corporal.

“A história da imagem corporal iniciou-se no século XVI, na França, com o médico e cirurgião Ambroise Paré, que percebeu a existência do membro fantasma, caracterizando-o como a alucinação de que um membro ausente estaria presente. Três séculos depois, Weir Mitchell, da Filadélfia (EUA), demonstrou que a imagem corporal (sem se referir ao termo ‘imagem corporal’) pode ser mudada sob tratamento ou em condições experimentais (Gorman, 1965). (...) Mas foi na escola britânica que os estudos sobre imagem corporal aprofundaram-se, tanto nos aspectos neurológicos quanto nos fisiológicos e psicológicos. O neurologista Henry Head, do London Hospital, foi o primeiro a usar o termo ‘esquema corporal’ e também o primeiro a construir uma teoria na qual “cada indivíduo constrói um modelo ou figura de si mesmo que constitui um padrão contra os julgamentos da postura e dos movimentos corporais” (Fisher, 1990, p. 5). Head demonstrou que qualquer alteração postural pode mudar o que ele chamou de esquema corporal (schemata): “Qualquer coisa que participe do movimento consciente de nossos corpos é somada ao nosso modelo corporal e torna-se parte deste schemata”. (Gorman, 1965, p. 48).

Porém, um dos autores mais importantes dessa área, foi sem dúvida o Paul Schilder, pois desenvolveu sua pesquisa tanto na neurologia quanto na psicologia. Afirma que a imagem corporal, além de ser uma construção cognitiva, é também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação dos outros.

Em sua definição de imagem corporal, diz que “a imagem corporal não é só uma construção cognitiva, mas também uma reflexão dos desejos, atitudes emocionais e interação com os outros” (ibidem). Mas uma de suas mais importantes reflexões consistiu na introdução da idéia de que a imagem do corpo não possui apenas fatores patológicos: os eventos diários também contribuem para sua construção. (Barros, 2005).

Schilder afirma que o indivíduo, possui a capacidade de mudar a imagem corporal continuamente, assim como aconteceu com Jacobina e Alferes. O autor descreve que essa capacidade de alterar essa imagem, só pode ser alcançada através do que denomina como forças emocionais.

“É por meio delas que entendemos a variedade de fantasmas que uma pessoa é capaz de criar em seu próprio corpo. Unindo os aspectos fisiológicos com as forças emocionais, a imagem vai condensando a vivência que o homem tem de si mesmo e do mundo. Resgata o passado, funde-se com o presente e transcende para o futuro, ultrapassando as fronteiras do imaginário humano. Faz-se ser atuante perante as correlações estabelecidas por ele mesmo, constituindo-se presente em imagens corpóreas (Barros, 2001). Assim sendo, as imagens corporais ligam-se por meio de uma proximidade espacial que favorece o contato entre corpos e suas experiências. (...) Isso se deve à incorporação de diversas partes das imagens corporais dos outros e à doação de nossas próprias imagens a eles. Aliado a isso, o fator emocional aparece como peça-chave neste processo, pois podemos estabelecer uma relação íntima com determinada pessoa. Trocamos nossas imagens corporais. É uma experiência de sentidos. Como nos diz Schilder (1999, p. 250), “primeiro, temos uma impressão sensorial do corpo do outro. Esta impressão adquire seu significado real através de nosso interesse emocional pelas diversas partes do corpo”. É importante ressaltar também que, quando percebemos nosso corpo ou partes dele, projetamos essas imagens para outros corpos e passamos a ter curiosidade sobre outras partes que, até então, eram-nos obscuras. Na verdade, fica difícil dizer qual corpo percebemos primeiro: o nosso ou o do outro. Portanto, “a imagem é um fenômeno social, pois há um intercâmbio contínuo entre nossa própria imagem e a imagem corporal dos outros”. (Schilder, 1999, p. 240-51).

No caso do Alferes, o não reconhecimento de sua imagem no espelho, pode ser vista como o contato com seu mecanismo de defesa, ou seja, sua sombra, porém, também se pode partir da perspectiva, que sua corporeidade alterou mediante a seus aspectos emocionais.

Jung em 1987, afirma que as “imagens precisam estar cheias de emoções para termos numinosidade”, em outras palavras, as imagens precisam estar carregadas de conteúdos emocionais, para assim ser possível a identificação e assumir as consequências que esta imagem do corpo irá acarretar. (Samuels, 2012).

Analisando o acontecido com o não reconhecimento no espelho, de Alferes, pode-se parrear com a teoria de Schilder (1999, p. 311), onde afirma que “nossa imagem corporal só adquire suas possibilidades e existência porque nosso corpo não é isolado. Um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos. Precisamos ter outros à nossa volta”. (Barros, 2005).

Durante o conto, fica claro este posicionamento e necessidade de Jacobina, ao afirmar que se sentiu como “Boneco Mecânico”. De acordo com esta comparação, podemos considerar como uma metáfora o uso de um objeto que

necessariamente precisa do controle do outro, para poder referir-se a sua atual situação de dependência de estímulos externos. Além de, assim como um boneco, ter se esvaziado de suas vontades próprias, é possível cogitarmos a possibilidade de que, também como um boneco, Jacobina necessitaria destes estímulos para guiar suas ações, de acordo com o que seria ou não bem visto por seus estimuladores.

Entende-se que até este momento os comportamentos adquiridos eram inconscientes, tornando-se conscientes a partir do momento em que Jacobina olhou-se no espelho. O contato com o inconsciente começa a aparecer e este sonha que veste a farda em determinado momento, e nesta situação relata que se sentia muito orgulhoso, pois estava em torno de pessoas que o admiravam e o estimulavam.

De acordo com Jung, o inconsciente é o local onde utiliza para exemplificar a existência de conteúdos inacessíveis ao Ego. Existem conteúdos construídos pela nossa psique, que a própria consciência desconhece, e esses conteúdos, são levados e armazenados, neste local, denominado Inconsciente. (Samuels, 2012).

“Conteúdos reprimidos, excluídos e inibidos pela orientação consciente do indivíduo passam para a inconsciência e lá formam um contrapólo da consciência. Essa contraposição se fortalece com qualquer aumento de ênfase sobre a atitude consciente até interferir com a atividade da própria consciência. Finalmente, conteúdos inconscientes reprimidos reúnem uma carga de energia suficiente para irromper na forma de SONHOS, IMAGENS espontâneas ou sintomas. O objetivo do processo compensatório parece ser o de ligar, como uma ponte, dois mundos psicológicos. Essa ponte é o SÍMBOLO; embora os símbolos, para serem eficazes, devam ser reconhecidos e compreendidos pela mente consciente, isto é, assimilados e integrados”. (Samuels, 2012).

Por sonho, Jung entende como “um auto-retrato espontâneo, em forma simbólica, da real situação no inconsciente” (CW 8, parág. 505). Ele via a relação do sonho com a consciência basicamente como uma relação compensatória. (Samuels, 2012). Nas palavras de Jung:

“Enfatizava que existem certos sonhos (isto é, pesadelos) cujo propósito parecia ser desintegrar, destruir, demolir. Eles cumprem sua tarefa compensatória de uma maneira necessariamente desagradável. Sonhos impressionantes assim podem se tornar os chamados “grandes sonhos” que fazem com que o indivíduo altere um curso de vida. Outros podem não pressagiar ou desafiar, mas sim resumir as tarefas necessárias para o preenchimento de uma

condição. Os sonhos vistos numa sequência muitas vezes revelam o caminho do processo de individuação de um indivíduo e desvendam uma simbologia pessoal. Os sonhos também podem ser interpretados dramaticamente, como uma peça, apresentando uma situação problemática, um desenvolvimento e conclusão”. (Samuels, 2012).

A partir do momento em que Jacobina sonha, este anseio vem para a consciência, pois o mesmo entra em contato com o desejo. Logo após este fato, este relata que toda vez que acordava, tinha consciência do novo ser e único, pois, a alma interior perdeu-se em razão da perda do estímulo.

“Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único - porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava”. (Assis, 1994).

Nesta etapa, Jacobina não tinha consciência da farda como máscara de defesa, mas já tinha consciência de que ele havia perdido a humanidade. Cita que até este momento, por um impulso inconsciente, não tinha olhado no espelho até então, “medo de achar duas pessoas”. Pode-se considerar seu medo, justamente um receio de entrar em contato com sua sombra? A existência do Alferes se baseia então somente quando ele está vestindo a farda? Sem a farda, o Alferes não pode existir?

Ao final do conto:

“Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a

uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...” (Assis, 1994).

Alferes termina seu relato, após essas confissões, saindo do local onde estavam conversando, deixando os expectadores sem prévio aviso. Pode-se entender neste período, que o fato do Alferes sair e deixar os expectadores sem saber se o Alferes permanece ou não em Jacobina, indica que essa cisão entre as duas almas, ainda existe? O final da história passa a impressão de que Alferes tem uma angústia em relação a esta cisão? Alferes fugiu da angústia e vestiu o personagem?

“Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.” (Assis, 1994).

## 6 CONCLUSÃO

Devido à complexidade do tipo de análise realizada neste trabalho, nem todas as hipóteses serão respondidas na conclusão. Nossa intenção ao compartilhar estas hipóteses com o leitor é de apresentar novos olhares e conhecimentos resultantes do olhar analítico sobre a obra.

O que podemos afirmar nesta conclusão são os fatores psicológicos existentes no decorrer do conto, onde foi possível uma observação refinada do protagonista e algumas interpretações através da psicologia analítica.

Visto que a hipótese com maior abordagem no decorrer deste trabalho foi a possível relação do Ego fraco com a Sombra de Jacobina, podemos afirmar que Jacobina passou por momentos de intensas transições em sua identidade, ao ponto de apontar questões psicológicas passíveis de análises. Jung afirma que esse tipo de transição sofrida por Jacobina é normal e necessária para o indivíduo, porém, alerta para o fato deste tipo de condição se tornar estática e crônica, afirmando que a personalidade sofrerá ameaças uma vez que não existe um dinamismo entre o Ego e a Sombra. (Jung, 1994).

Fica claro que Jacobina sofre uma metamorfose em seu comportamento desde o início de seu relato, durante toda a narração de sua história, e ainda na conclusão desta, passando a impressão que de o Alferes ainda existe incorporado em sua identidade. Pode-se concluir, então, que não existe um fim nesta história?

O desfecho da história ainda nos gerou diversas hipóteses como o porquê de Alferes se retirar ao terminar a história? Seria um receio de sofrer indagações? O que esta especulação representa para Jacobina? Será que ainda existe a mesma insegurança?

O fato é que independente das hipóteses a serem consideradas, houve uma intensa identificação do Ego com a persona. Ou seja, ocorre um processo psíquico em Jacobina, o qual a psicologia analítica define como Processo de Individuação. Processo de individuação é o processo de formação do ser individual. É o desenvolvimento psicológico individual em que o ser humano se distingue do coletivo, “é, portanto um processo de diferenciação que objetiva o desenvolvimento

da personalidade individual” (Samuels, 2012). Alguns autores da psicologia analítica denominam o processo de individuação como um processo para alcançar a totalidade.

Jung afirma que esta busca do indivíduo pela totalidade é uma condição natural, e que para este processo ocorrer, é necessário que ocorra um conflito entre o Ego e sua Sombra. Afirma também, que a repressão deste processo pode gerar ao indivíduo diversos prejuízos psíquicos.

“Para que ocorra o processo de Individuação, é necessário que o Ego se confronte com os aspectos contidos na Sombra. O confronto de Ego x Sombra se faz importante pelo fato de que diante desta confrontação é que o Ego tomará consciência de seus medos, fraquezas e negligências em relação a forma como se relaciona com o Inconsciente e em relação a como se relaciona com o mundo externo”. (Samuels, 2012).

No aspecto psicológico, ao ser promovido para Alferes, Jacobina (após passar os processos de metamorfose), começa a perceber o medo que tem de enfrentar sua sombra. Percebe nesta etapa da vida, que ao utilizar a máscara como defesa, tornou-se mais interessante e mais desejado pelos que o rodeavam. Percebeu inconscientemente, que o Alferes possuía muito mais qualidades para oferecer socialmente do que o próprio Jacobina, ocorrendo neste momento, uma extrema identificação com essa nova identidade.

“Uma vez que o indivíduo não é um ser único mas pressupõe também um relacionamento coletivo para sua existência, também o processo de Individuação não leva ao isolamento, mas a um relacionamento coletivo mais intenso e mais abrangente”. (Samuels, 2012).

O medo de voltar para a identidade anterior, ou seja, entrar em contato com sua sombra era tamanha, que Alferes relutou até o último momento para permanecer com sua persona, para se defender dos próprios pensamentos e do seu próprio julgamento. Jacobina, ou seja, o Ego, começa a entrar em conflito com a Sombra, causando um extremo desconforto em Jacobina. A este processo, a psicologia analítica denomina como individuação.

Devido à forma que o conto finaliza, não podemos afirmar que o processo de individuação realmente ocorreu, ou seja, não se sabe se Jacobina realmente conseguiu conquistar sua totalidade e conviver com sua sombra em perfeita

harmonia, porém, podemos afirmar que houve grande parte do processo psíquico concluído para que este fato ocorresse.

“Enquanto a consciência aumenta com a análise das defesas (por exemplo, projeção da sombra), o processo de individuação é uma circum-ambulação do self como o centro da personalidade que, com isso, vai sendo unificada. Em outras palavras, a pessoa se torna consciente no que tange a ela ser tanto um ser humano único como, ao mesmo tempo, não mais que um homem ou uma mulher comum”. (Samuels, 2012).

Jung afirma que o processo de individuação, não exclui o indivíduo do mundo, mas aproxima-o, além disso, “O objetivo da individuação é nada menos que despir o self dos falsos invólucros da persona, por um lado, e do poder sugestivo de imagens primordiais, pelo outro” (CW 7, parág. 269)

O autor afirma que as chances de superar o árduo processo de individuação, para quem tem um Ego forte obviamente são muito melhores do que para quem tem o Ego fraco. Afirma que o Ego forte é integrado o bastante para irromper subitamente o processo ao invés de se integrar a personalidade.

“Assim, pois, encaro a perda do equilíbrio como algo adequado, pois substitui uma consciência falha, pela atividade automática e instintiva do inconsciente, que sempre visa a criação de um novo equilíbrio; tal meta será alcançada sempre que a consciência for capaz de assimilar os conteúdos produzidos pelo inconsciente, isto é, quando puder compreendê-los e digeri-los”. (Jung, 1954, p. 48).

O interesse por este tipo de análise e caso psicológico, se deu justamente pelo fato de que esse tipo de processo e identificação identitária é muito comum na nossa sociedade. Observamos constantemente a identificação da persona e do Ego nos ambientes de trabalho, ou mesmo no dia a dia com as pessoas que nos cercam. É passível observar que este tipo de postura adotada por Alferes, é comum quando se trata principalmente de profissões, ou questões ligadas ao consumo. Mesmo sendo comum este tipo de identificação, estes fatores não nos oferecem condições para afirmar que esse tipo de processo só ocorre com quem tenha o Ego fraco, porém, nos levanta o questionamento e a reflexão, sobre a real importância e constatação, da transformação ocorrida pelo processo de Individuação.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de: **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II. Disponível em: <[www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf](http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2012.

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 12, n. 2: p. 547-54, maio/ago. 2005.

BERNARDI, Carlos. Assim caminha a humanidade: a última tentação: entre o literal e o literário. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO JUNGUIANA DO BRASIL, 9., Lindóia, SP, out. 2001. Disponível em: <<http://carlosbernardi.net/Textos/assimca>>. Acesso em: 03 jul. 2012.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e teoria literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1987.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de grupo e a análise do ego**. Leipzig, Viena e Zurique, 1921.

GORRESIO, Zilda Marengo Piacenti. **Concepção de *psyché* em Jung e no romantismo alemão**. Disponível em: <[www.rubedo.psc.br/artigosb/visaopsi.htm](http://www.rubedo.psc.br/artigosb/visaopsi.htm)>. Acesso em: 01 out. 2012.

JODELET, D.: **Représentations sociales: un domaine en expansion**. Paris: PUF, 1989.

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, C. G. **Mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MICHAELIS. **Michaelis dicionário escolar língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 2010.

SAMUELS, Andrew. **Verbetes psicologia analítica**. Disponível em <[www.rubedo.com.br/verbetes](http://www.rubedo.com.br/verbetes)>. Acesso em: 09 nov. 2012.

SILVA, Teresinha V. Zimbrão. **Machado de Assis**. Disponível em <<http://www.jung-rj.com.br/artigos/machadodeassis.htm>> Acesso em: 17 out. 2012.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1968.

SOBRAL, J. **Postos e cargos militares portugueses**. São Paulo: Audaces, 2008.

## **ANEXO A - O Espelho, de Machado de Assis.**

“Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinqüenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

- Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, - uma conjetura, ao menos.

- Nem conjectura, nem opinião, redargüiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para entro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. "Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração." Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

- Não?

- Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, - na verdade, gentilíssima, - que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma

exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

- Perdão; essa senhora quem é?

- Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome; chama-se Legião... E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia. Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. Eis aqui como ele começou a narração:

- Tinha vinte e cinco anos, era pobre, e acabava de ser nomeado alferes da Guarda Nacional. Não imaginam o acontecimento que isto foi em nossa casa. Minha mãe ficou tão orgulhosa! tão contente! Chamava-me o seu alferes. Primos e tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. Na vila, note-se bem, houve alguns despeitados; choro e ranger de dentes, como na Escritura; e o motivo não foi outro senão que o posto tinha muitos candidatos e que esses perderam. Suponho também que uma parte do desgosto foi inteiramente gratuita: nasceu da simples distinção. Lembra-me de alguns rapazes, que se davam comigo, e passaram a olhar-me de revés, durante algum tempo. Em compensação, tive muitas pessoas que ficaram satisfeitas com a nomeação; e a prova é que todo o fardamento me foi dado por amigos...

Vai então uma das minhas tias, D. Marcolina, viúva do Capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuso e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda. Fui, acompanhado de um pajem, que daí a dias tornou à vila, porque a tia Marcolina, apenas me pilhou no sítio, escreveu a minha mãe dizendo que não me soltava antes de um mês, pelo menos. E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda a província não havia outro que me pusesse

o pé adiante. E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda a hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o "senhor alferes". Um cunhado dela, irmão do finado Peçanha, que ali morava, não me chamava de outra maneira. Era o "senhor alferes", não por gracejo, mas a sério, e à vista dos escravos, que naturalmente foram pelo mesmo caminho. Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido. Não imaginam. Se lhes disser que o entusiasmo da tia Marcolina chegou ao ponto de mandar pôr no meu quarto um grande espelho, obra rica e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples... Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-se-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom...

- Espelho grande?

- Grande. E foi, como digo, uma enorme fineza, porque o espelho estava na sala; era a melhor peça da casa. Mas não houve forças que a demovessem do propósito; respondia que não fazia falta, que era só por algumas semanas, e finalmente que o "senhor alferes" merecia muito mais. O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou. Imaginam, creio eu?

- Não.

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes.

- Vai entender. Os fatos explicarão melhor os sentimentos: os fatos são tudo. A melhor definição do amor não vale um beijo de moça namorada; e, se bem me lembro, um filósofo antigo demonstrou o movimento andando. Vamos aos fatos. Vamos ver como, ao tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa. As dores humanas, as alegrias humanas, se eram só isso, mal obtinham de mim uma compaixão apática ou um sorriso de favor. No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes. Ora, um dia recebeu a tia Marcolina uma notícia grave; uma de suas filhas, casada com um lavrador residente dali a cinco léguas, estava mal e à morte. Adeus, sobrinho! adeus, alferes! Era mãe extremosa, armou logo uma viagem, pediu ao cunhado que fosse com ela, e a mim que tomasse conta do sítio. Creio que, se não fosse a aflição, disporia o contrário; deixaria o cunhado e iria comigo. Mas o certo é que fiquei só, com os poucos escravos da casa. Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida. Notei mesmo, naquela noite, que eles redobravam de respeito, de alegria, de protestos. Nhô alferes, de minuto a minuto; nhô alferes é muito bonito; nhô alferes há de ser coronel; nhô alferes há de casar com moça bonita, filha de general; um concerto de louvores e profecias, que me deixou extático. Ah ! pérfidos! mal podia eu suspeitar a intenção secreta dos malvados.

- Matá-lo?

- Antes assim fosse.

- Coisa pior?

- Ouçam-me. Na manhã seguinte achei-me só. Os velhacos, seduzidos por outros, ou de movimento próprio, tinham resolvido fugir durante a noite; e assim fizeram. Achei-me só, sem mais ninguém, entre quatro paredes, diante do terreiro

deserto e da roça abandonada. Nenhum fôlego humano. Corri a casa toda, a senzala, tudo; ninguém, um molequinho que fosse. Galos e galinhas tão-somente, um par de mulas, que filosofavam a vida, sacudindo as moscas, e três bois. Os mesmos cães foram levados pelos escravos. Nenhum ente humano. Parece-lhes que isto era melhor do que ter morrido? era pior. Não por medo; juro-lhes que não tinha medo; era um pouco atrevidinho, tanto que não senti nada, durante as primeiras horas. Fiquei triste por causa do dano causado à tia Marcolina; fiquei também um pouco perplexo, não sabendo se devia ir ter com ela, para lhe dar a triste notícia, ou ficar tomando conta da casa. Adotei o segundo alvitre, para não desamparar a casa, e porque, se a minha prima enferma estava mal, eu ia somente aumentar a dor da mãe, sem remédio nenhum; finalmente, esperei que o irmão do tio Peçanha voltasse naquele dia ou no outro, visto que tinha saído havia já trinta e seis horas. Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular. O irmão do tio Peçanha não voltou nesse dia, nem no outro, nem em toda aquela semana. Minha solidão tomou proporções enormes. Nunca os dias foram mais compridos, nunca o sol abrasou a terra com uma obstinação mais cansativa. As horas batiam de século a século no velho relógio da sala, cuja pêndula tic-tac, tic-tac, feria-me a alma interior, como um piparote contínuo da eternidade. Quando, muitos anos depois, li uma poesia americana, creio que de Longfellow, e topei este famoso estribilho: Never, for ever! - For ever, never! confesso-lhes que tive um calafrio: recordei-me daqueles dias medonhos. Era justamente assim que fazia o relógio da tia Marcolina: - Never, for ever!- For ever, never! Não eram golpes de pêndula, era um diálogo do abismo, um cochicho do nada. E então de noite! Não que a noite fosse mais silenciosa. O silêncio era o mesmo que de dia. Mas a noite era a sombra, era a solidão ainda mais estreita, ou mais larga. Tic-tac, tic-tac. Ninguém, nas salas, na varanda, nos corredores, no terreiro, ninguém em parte nenhuma... Riem-se?

- Sim, parece que tinha um pouco de medo.

- Oh! fora bom se eu pudesse ter medo! Viveria. Mas o característico daquela situação é que eu nem sequer podia ter medo, isto é, o medo vulgarmente entendido. Tinha uma sensação inexplicável. Era como um defunto andando, um

sonâmbulo, um boneco mecânico. Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio, não pela razão comum de ser irmão da morte, mas por outra. Acho que posso explicar assim esse fenômeno: - o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. Mas quando acordava, dia claro, esvaía-se com o sono a consciência do meu ser novo e único -porque a alma interior perdia a ação exclusiva, e ficava dependente da outra, que teimava em não tornar... Não tornava. Eu saía fora, a um lado e outro, a ver se descobria algum sinal de regresso. Soeur Anne, soeur Anne, ne vois-tu rien venir? Nada, coisa nenhuma; tal qual como na lenda francesa. Nada mais do que a poeira da estrada e o capinzal dos morros. Voltava para casa, nervoso, desesperado, estirava-me no canapé da sala. Tic-tac, tic-tac. Levantava-me, passeava, tamborilava nos vidros das janelas, assobiava. Em certa ocasião lembrei-me de escrever alguma coisa, um artigo político, um romance, uma ode; não escolhi nada definitivamente; sentei-me e tracei no papel algumas palavras e frases soltas, para intercalar no estilo. Mas o estilo, como tia Marcolina, deixava-se estar. Soeur Anne, soeur Anne... Coisa nenhuma. Quando muito via negrejar a tinta e alvejar o papel.

- Mas não comia?

- Comia mal, frutas, farinha, conservas, algumas raízes tostadas ao fogo, mas suportaria tudo alegremente, se não fora a terrível situação moral em que me achava. Recitava versos, discursos, trechos latinos, liras de Gonzaga, oitavas de Camões, décimas, uma antologia em trinta volumes. As vezes fazia ginástica; outra dava beliscões nas pernas; mas o efeito era só uma sensação física de dor ou de cansaço, e mais nada. Tudo silêncio, um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno tic-tac da pêndula. Tic-tac, tic-tac...

- Na verdade, era de enlouquecer.

- Vão ouvir coisa pior. Convém dizer-lhes que, desde que ficara só, não olhara uma só vez para o espelho. Não era abstenção deliberada, não tinha motivo; era um impulso inconsciente, um receio de achar-me um e dois, ao mesmo tempo, naquela casa solitária; e se tal explicação é verdadeira, nada prova melhor a contradição

humana, porque no fim de oito dias deu-me na veneta de olhar para o espelho com o fim justamente de achar-me dois. Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. - Vou-me embora, disse comigo. E levantei o braço com gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto lá estava, mas disperso, esgaçado, mutilado... Entrei a vestir-me, murmurando comigo, tossindo sem tosse, sacudindo a roupa com estrépito, afligindo-me a frio com os botões, para dizer alguma coisa. De quando em quando, olhava furtivamente para o espelho; a imagem era a mesma difusão de linhas, a mesma decomposição de contornos... Continuei a vestir-me. Subitamente por uma inspiração inexplicável, por um impulso sem cálculo, lembrou-me... Se forem capazes de adivinhar qual foi a minha idéia...

- Diga.

- Estava a olhar para o vidro, com uma persistência de desesperado, contemplando as próprias feições derramadas e inacabadas, uma nuvem de linhas soltas, informes, quando tive o pensamento... Não, não são capazes de adivinhar.

- Mas, diga, diga.

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. Imaginai um homem que, pouco a pouco, emerge de um letargo, abre os olhos sem ver, depois começa a ver, distingue as pessoas dos objetos, mas não conhece individualmente uns nem outros; enfim, sabe que este é Fulano, aquele é Sicrano; aqui está uma cadeira, ali um sofá. Tudo volta ao que era antes do sono. Assim foi comigo. Olhava para o espelho, ia de um lado para outro, recuava, gesticulava, sorria e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes,

e sentava-me diante do espelho, lendo olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir...

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.”